

## NOVAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS NA FORMAÇÃO DE AUDIODESCRITORES

ROSVITA WACHHOLZ DAS NEVES<sup>1</sup>; MARISA HELENA DEGASPERI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – rosvitawn@gmail.com

<sup>2</sup>Marisa Helena Degasperi – mhdupel2012@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa iniciada em agosto de 2020, coordenada pela Profa. Dra. Marisa Helena Degasperi, do Curso de Bacharelado em Tradução Espanhol-Português, do Centro de Letras e Comunicação da UFPel sob título: *Consciência visual: mais um degrau nos estudos de Audiodescrição*, conduzido pelo Grupo de Pesquisa Tradução Acessível, sob a linha *Estudos Conexionistas em Tradução*. A proposta desse projeto experimental, fundamentado em teorias das Ciências Cognitivas, na Psicologia da Arte e nos Estudos da tradução é expor um tema ainda não investigado em estudos sobre audiodescrição: a inserção de atividades com enfoque no incremento da consciência visual, em cursos de formação de audiodescritores. A pesquisa tem parceria com a Universidade de Granada (Espanha). Este trabalho apresenta um novo enfoque metodológico para os cursos de formação de audiodescritores, fundamentado nas Ciências Cognitivas (Rumelhart, McClelland, 1986-1987; Eysenck y Keane, 1994) e em interface com os Estudos da Tradução (Díaz-Cintas, 2006; Degasperi, 2020), e propõe a inserção da aprendizagem perceptiva visual de forma sistemática, através de atividades de ratreio visual. A metodologia se desenha na proposta teórica de um plano didático de intensificação de atividades que exigem maior atenção visual de imagens do que as que os cursistas estão habituados, de maneira que alcancem um nível satisfatório de consciência visual e, consequentemente, maior acuidade visual. A hipótese principal é de que a consciência visual também seja um importante requisito na tradução da imagem a palavras, o que potencializa a melhoria da qualidade da produção de roteiros audiodescritivos.

Após a verificação preliminar de cursos oferecidos no Brasil (FADERS, UNESP), nos EUA (Audio Description Associates LLC) e na Europa (Université Sorbonne Nouvelle - Paris, Asociación de Traducción y Adaptación Audiovisual de España, Universidad Autónoma de Barcelona, Soundub Formación de Santiago de Compostela, entre outros), pode-se constatar que a metodologia de ensino utilizada na formação de audiodescritores segue uma orientação uniforme na apresentação dos conteúdos. Os cursos são oferecidos nos formatos à distância e presencial e as cargas horárias variam entre 20h e 40h, mas há também cursos de especialização, com carga horária acima de 90h e disciplinas que inserem AD no conteúdo, porém, em número escasso. O objetivo que se apresenta nesses cursos, de forma mais geral, é introduzir os aprendizes no mundo das pessoas com deficiência visual, com base em princípios de acessibilidade e inclusão. Dessa forma, os cursistas aprendem a como lidar com as pessoas com esse tipo de deficiência e têm contato, muitos pela primeira vez, com o recurso assistivo da Audiodescrição. A Audiodescrição é um tipo de tradução imagem-palavra e, por estes serem dois sistemas diferentes, ela se enquadra no ramo da tradução intersemiótica. Essa modalidade de tradução abrange as imagens estáticas (fotos, desenhos, gráficos, cartazes, documentos, etc.) e as imagens dinâmicas (material audiovisual: filmes, eventos culturais, esportivos, religiosos, etc.). Sendo assim, parece duvidoso que um

curso de 20h ou 40h possa dar conta de todo conhecimento necessário para que um aprendiz assimile o conteúdo, de forma a poder iniciar como profissional da Acessibilidade e, muito provavelmente, esse não seria o objetivo destes cursos, senão uma imersão superficial nessa área. De qualquer forma, é importante e necessário apontar para uma metodologia que possa contemplar algo essencial, no universo da Audiodescrição: a percepção visual que gera a consciência visual. Ambos os conceitos se assentam em amplos estudos na Psicologia Cognitiva (Eysenck y Keane, 1994) e na Neurociência Cognitiva (McClelland, Rumelhart e Hilton, 1986).

McClelland, Rumelhart e Hilton (1986: p. 32) descrevem o modelo conexionista de processamento computacional de informações, inspirado em fenômenos que ocorrem no cérebro humano, a partir de estímulos externos e internos, que provocam ativação de conexões sinápticas na rede de neurônios, de modo paralelo e distribuído (Processamento Distribuído em Paralelo - PDP). Esse modelo é interessante para este estudo, porque através dele, podemos compreender os processos que ocorrem durante a aprendizagem, porque os estudos computacionais necessitam de dados concretos, hoje comprovados através de tecnologias avançadas, como a Ressonância Magnética funcional (fMRI, do inglês *Functional Magnetic Ressonance Imaging*). A fMRI possibilita ver processos cerebrais no local e no momento em que ocorrem, permitindo diferentes testes cognitivos.

Segundo os autores, o peso ou força do estímulo é o aspecto determinante da aprendizagem e da conduta humana, porque a partir deles, o cérebro define se a informação é importante ou não para ser consolidada na Memória de Longo Prazo – MLP, que é a responsável pela aprendizagem, porque pode ser evocada em qualquer momento pelos sujeitos. A partir disso, entende-se que o reforço de um estímulo, a partir de um objetivo delimitado e esclarecido, provoca no sujeito a atenção necessária para que sua percepção, no campo visual, que é o interesse deste estudo, seja desenvolvida. A Audiodescrição é o resultado de um comportamento visual projetado para um fim específico: o de favorecer o acesso visual a pessoas que não enxergam. A consciência visual, então, seria essa atenção dirigida ao objeto e a seus atributos, de modo a filtrar o que é relevante do que não é, para atender o seu usuário: a pessoa com deficiência visual. Entendemos que a automatização do foco visual seja resultado de produção de estratégias, de experiências anteriores que deram bons resultados, repetidas vezes.

A metodologia que se propõe aqui é, propriamente, voltada para a estimulação visual (Chmiel, Mazur e Vercauteren, 2019), para o controle atencional sistêmico e dirigido, com objetivo, para condução de uma consciência visual “produtiva”, considerando que a tarefa de descrever algo que deve produzir conteúdo no imaginário de seus usuários (imagem mental de um objeto).

## 2. METODOLOGIA

Degasperi (2020: p. 223) propõe que, durante o processo de ensino-aprendizagem, o professor deve inserir, de forma sistemática, atividades diversas de busca visual para os alunos/cursistas, entre uma atividade de audiodescrição e outra.

Considerando que a pesquisa ainda está no seu início, os testes ainda não foram aplicados, então, o que se vai ser apresentado a seguir é apenas o plano de ação do projeto.

A amostra será coletada a partir de um Curso de Audiodescrição, em nível básico, de 30h, para 30 cursistas, que serão os sujeitos da pesquisa. Serão divididos em dois grupos de 15 sujeitos e se aplicará uma metodologia didática de ensino de duas formas diferentes em ambos os grupos, uma delas será a intensificação de atividades de rastreamento visual (Eysenck y Keane, 1994), em atividades igualmente distribuídas, de forma que nenhum dos grupos terá prejuízo.

Antes do início do curso, que deverá ser presencial, serão aplicados testes de percepção visual (Teste das trilhas-TT) RABELO et al (2010).

Durante as atividades dos dois grupos se aplicará a técnica de observação sistemática (FERNÁNDEZ, 2010) sobre níveis de dificuldade e atencional. Também serão feitos breves questionários sobre a tarefa executada, visando constatar níveis de desenvolvimento perceptivo e atencional.

As atividades de elaboração de roteiros ou textos descritivos (TD) (DÍAZ-CINTAS, 2006; CHMIEL, MAZUR e VERCAUTEREN, 2019), em número de 5 (cinco) de cada cursista serão selecionados entre todas as atividades. Apesar de o curso também oferecer tarefas com imagens dinâmicas, as amostras serão especificamente de imagens estáticas – obras de arte e fotografias, selecionadas por ser menos estudadas e estarem presentes em todos os espaços. Essas serão avaliadas, utilizando-se os mesmos critérios no quesito qualidade (relevância, coesão e coerência, precisão, brevidade) (DÍAZ-CINTAS, 2006). Ao final do curso, será aplicado um novo teste de percepção visual, que será cruzado com os demais dados. Os produtos dos cursistas, ou seja, os roteiros ou textos descritivos serão objetos de comparação de seus próprios trabalhos e dos trabalhos dos demais entre ambos os grupos, os dados dos testes de percepção, das observações (FERNÁNDEZ, 2010) e os dos questionários, darão indícios do desenvolvimento metacognitivo do controle atencional, da concentração e da consciência visual dos sujeitos pesquisados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foi dito anteriormente, a pesquisa ainda se encontra em fase inicial e a conjectura atual (momento de pandemia), foi um obstáculo para o início dos trabalhos, por diferentes motivos que não cabem citar no momento.

O curso deveria ser oferecido ainda este ano, porém, a impossibilidade de aplicação do teste inicial nos candidatos a cursistas, sem o qual, há prejuízo no cruzamento dos dados e, consequentemente, no resultado da pesquisa, tornou necessário o adiamento para o próximo ano. Há previsão de que um curso com os mesmos procedimentos seja realizado na Universidade de Granada, com nossos colaboradores.

No momento, o grupo de pesquisa está se dedicando ao aprofundamento dos estudos dos conceitos e das técnicas a serem utilizadas para levantamento de dados. Também está fazendo levantamento de dados de demanda reprimida de formação de audiodescritores, junto a entidades sociais e instituições de ensino para pensar em ofertas de novos cursos no futuro.

Se corroborada a hipótese da inserção de atividades de desenvolvimento de percepção visual, através do reforço do estímulo visual (McClelland, Rumelhart e Hilton, 1986), propõe-se desenvolver um manual didático com um compêndio de atividades de percepção visual e orientações para formadores de audiodescritores. Também há previsão da aplicação de novas testagens com outros grupos de cursistas, no Brasil e também em Granada, na Espanha, para cruzamento de dados e confronto de resultados. Somente após o resultado final é que se poderá entender possível uma generalização.

## 4. CONCLUSÕES

A oferta de formação de audiodescritores no Brasil ainda é tímida, quando se pensa na urgência da necessidade de acessibilidade visual em todos os espaços sociais.

A inclusão de atividades intensificadas de rastreio visual, através de uma metodologia didática com foco no reforço constante da estimulação é uma proposta ainda não explorada e pode trazer à luz a necessidade de novos enfoques multidisciplinares aos Estudos da Tradução, especialmente à tradução acessível.

A inclusão de técnicas de rastreamento ocular com equipamentos modernos, como o *EyeTracker* é uma proposta da Profa. Catalina Jiménez Hurtado, da Universidade de Granada, instituição parceira que dispõe desse aparato. Isso traz perspectivas de novas descobertas e de novas abordagens na formação de audiodescritores e serve também de incentivo para a multiplicação de formadores, para a melhoria da qualidade e para a promoção da audiodescrição no Brasil.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

EYSENCK Michael W.; KEANE, Mark T. *Psicología Cognitiva: um manual introdutório*. Porto Alegre, Artes Médicas: 1994.

### Artigo

Chmiel, A.; Mazur, I. & Vercauteren, G. (2019). Emerging competences for the emerging profession: a course design procedure for training audio describers. *The Interpreter and Translator Trainer*. 13, pp. 326-341. DOI: 10.1080/1750399X.2019.1656408. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1750399X.2019.1656408?scroll=top&needAccess=true>

DEGASPERI, M. H. (2020). *Percepción y atención visual: parámetros necesarios para la competencia en audiodescripción (AD)*. Granada (Espanha): DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, Universidad de Granada, N.º 20, 2020, 221-239. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://dx.doi.org/10.30827/dreh.v0i17.11635>

DÍAZ-CINTAS, J. (2006). *Competencias profesionales del subtitulador y el audiodescriptor*. Madrid: Cesya. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314275671>

MCCLELLAND, J. L. RUMELHART. D.E.; HINTON, G.E. (1986). *The appeal of Parallel Distributed Processing*. In *Parallel Distributed Processing: Explorations in the Microstructure of Cognition*. Vol. 2. Psychological and Biological Models by James L. McClelland, David E. Rumelhart and the PDP Research Group, Cambridge MA: MIT Press. Pp. 3-44

### Documento eletrônico

FERNÁNDEZ, Encarnación Ramírez. *Introducción a la Psicología*. Curso online. Jaén (Espanha), Departamento de Psicología Universidad de Jaén: 2010. Disponível em: <http://www4.ujaen.es/~eramirez/IntPsi.htm>

RABELO, Ivan & PACANARO, Sílvia & ROSSETTI, Milena & LEME, Irene. (2010). Teste de Trilhas Coloridas (Color Trails Test) Manual Profissional. Publisher: Editora Casa do Psicólogo ISBN: 9788562553370 Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335432488\\_Teste\\_de\\_Trilhas\\_Coloridas\\_Color\\_Trails\\_Test\\_Manual\\_Profissional](https://www.researchgate.net/publication/335432488_Teste_de_Trilhas_Coloridas_Color_Trails_Test_Manual_Profissional)